

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Tânia Cunha Knop

A PERMANENCIA DO IDOSO NA EJA: direito à educação ao longo da vida

Porto Alegre

1º Semestre

2017

Tânia Cunha Knop

A PERMANÊNCIA DO IDOSO NA EJA: direito à educação ao longo da vida.

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Denise Comerlato.

Porto Alegre

2017

QUANTOS ANOS TENHO?

Tenho a idade em que as coisas são vistas com mais calma, mas com o interesse de seguir crescendo.

Tenho os anos em que os sonhos começam a trocar carinhos com os dedos e as ilusões se transformam em esperança.

Tenho os anos em que o amor, às vezes, é uma chama louca, ansiosa para se consumir no fogo de uma paixão desejada. E em outras, uma corrente de paz, como um entardecer na praia.

Quantos anos eu tenho? Não preciso de números para marcar, pois meus anseios alcançados, as lágrimas que derramei pelo caminho, ao ver meus sonhos destruídos...

Valem muito mais que isso.

Não importa se faço vinte, quarenta ou sessenta!

O que importa é a idade que eu sinto.

Tenho os anos de que preciso para viver livre e sem medos.

Para seguir sem medo pelo caminho, pois levo comigo a experiência adquirida e a força de meus anseios.

Quantos anos tenho? Isso não importa a ninguém!

Tenho os anos necessários para perder o medo e fazer o que quero e sinto.

- JOSÉ SARAMAGO

QUERO AGRADECER...

Primeiramente a Deus que possibilitou a minha chegada até aqui.

Aos meus filhos e filhas que de alguma forma contribuíram para a minha caminhada acadêmica.

Ao meu esposo que entendeu que o momento era muito importante para mim, e se fez solidário quanto à distância.

Agradeço em especial a minha nora Simone de Meneses e ao meu filho Eduardo Knop que são meus grandes admiradores dessa conquista.

Agradeço a Professora e Orientadora de Estágio Aline Cunha, pela forma carinhosa que conduziu o meu trabalho no sétimo semestre.

Agradeço a minha querida Professora e Orientadora Denise Comerlato, pelos seus ensinamentos e dedicação que dispensou durante o meu Trabalho de Conclusão de Curso, ela foi incansável com seus conhecimentos, sempre muito atenciosa.

Aos meus amigos Martha e Waldir, que a distância sempre me incentivaram e acompanharam os meus esforços para conquistar a tão desejada graduação. A eles, muito obrigada pelas palavras de incentivo.

Agradeço também a minha querida colega Jessica Corrêa Serpa, que nunca mediu esforços para me auxiliar nas minhas dúvidas. Feliz por termos iniciado e concluído essa trajetória juntas. Por ela tenho muito carinho.

Agradeço, a todos os professores e professoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que contribuíram para a minha formação. Não vou nomeá-los, mas tenho em meu coração o carinho por cada um/uma. Sem eles não teria alcançado meu objetivo.

OBRIGADA!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo pesquisar os fatores que contribuem para a permanência do idoso em sala de aula. Estes questionamentos surgiram a partir do estágio docente obrigatório do sétimo semestre, que se realizou em docência compartilhada em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O estágio aconteceu em 2016/2, em uma escola da rede municipal em Porto Alegre/ RS. No dia a dia, pude perceber, através de diálogos com os estudantes, o quanto eles se sentiam familiarizados com a escola e os colegas, e que este espaço parecia ter muita importância para eles. A rotina do ir e vir para escola, mesmo enfrentando dificuldades, não era obstáculo. Nesse momento surgiu a curiosidade em saber que fatores contribuíam para a permanência do idoso na escola, tendo em vista que alguns já estão nela há muitos anos, sem previsão de concluir os estudos. Para tanto, realizei uma pesquisa de caráter qualitativo fazendo uso de entrevistas semiestruturadas com dois sujeitos. Fundamentada em Freire (1981), Arroyo (2001) e Dayrell (1999), entre outros, analiso a importância da escola para o sujeito idoso. Também analiso, a partir da legislação vigente, que a educação de jovens e adultos tem várias funções, entre elas, a educação permanente. Deste modo, tenho por considerações finais que a educação é um direito que deve ser garantido em qualquer fase da vida; de que a pessoa idosa deseja e tem necessidade de aprender; que a EJA cumpre um papel social, de inserção dos sujeitos na sociedade, por meio do acesso aos bens culturais e aos conhecimentos legados pela humanidade; e, por fim, que a EJA é um lugar em que seus sujeitos podem ser reconhecidos como pessoas e cidadãos, como “alguém” com o desejo de sempre “ser mais”, como já disse Freire (1981), nesse permanente processo de humanização.

Palavras Chaves: Educação de Jovens e Adultos. Educação de Idosos. Permanência na EJA.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	7
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA LEGAL	10
2.1 O DIREITO A EDUCAÇÃO A PARTIR DO ESTATUTO DO IDOSO	12
2.2 OS SUJEITOS DA EJA	13
3. CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA	15
3.1 ALUNOS IDOSOS NA EJA	16
4. UM CAMINHO PARA CONHECER MAIS SOBRE A PERMANENCIA DO IDOSO NA ESCOLA.....	18
4.1 ANA, 57 ANOS	19
4.2 MARIA, 63 ANOS.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES	39

1 APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso constituiu-se a partir das práticas e reflexões que fizeram parte do Estágio de Docência em Educação de Jovens e Adultos¹ (EJA), realizado no segundo semestre de 2016 em uma Escola Municipal de Porto Alegre/RS. O mesmo foi desenvolvido em docência compartilhada², numa turma que atendia as Totalidades 1 e 2 e era composta por 12 alunos com faixa etária entre 28 a 94 anos. As observações e práticas, em especial as suas falas, contribuíram para que eu pudesse conhecer detalhadamente cada educando/a em sala de aula, assim como contribuíram para valorizar, a cada dia, o ser humano/estudante, seja ele jovem, adulto ou idoso. Na curiosidade de saber mais sobre esses sujeitos/alunos idosos, passei a me questionar sobre qual a importância de estar na escola, quais as razões deles/as permanecerem estudando por tanto tempo, mesmo enfrentando dificuldades de aprendizagem. Ou seja, mesmo sem a aprendizagem desejada, o que os faz permanecer em sala de aula, muitas vezes, por anos a fio? Seria possível que esses educandos/as não tivessem o mesmo desenvolvimento cognitivo que os jovens? No meu ponto de vista, considerarei que todo ser humano continua, ao longo da vida, sendo capaz de desenvolver algum tipo de conhecimento. Pois, conforme explicita Scoralick-Lempke e Barbosa (2012),

Segundo Baltes et al. (1980) e Baltes (1987), o desenvolvimento psicológico é um processo que se estende por toda a vida. Nenhuma condição especial de maturidade é assumida como princípio geral, assim como nenhum período no curso da vida detém supremacia na regulação da natureza do desenvolvimento. Portanto, em todas as fases, o ser humano pode desenvolver habilidades que o auxiliem em sua capacidade adaptativa. Segundo Nery (1995), a aquisição, a manutenção, o aperfeiçoamento e a extinção dos comportamentos sociais e cognitivos são processos que podem originar-se em qualquer etapa, uma vez que nem as mudanças do desenvolvimento estão ligadas à idade. (p. 649)

Estudos teóricos, como de Barbosa (2016), apontam que o adulto idoso, com o passar do tempo, não só aprende, bem como acumula uma maior quantidade de

¹ Estágio de Docência obrigatório do sétimo semestre do Curso de Pedagogia, orientado pela professora Dr^a Aline Cunha.

² O Estágio de Docência em Educação de Jovens e Adultos ocorreu em uma Escola Municipal de Porto Alegre/RS - Bairro Santana – e foi compartilhado com a colega Jessica Corrêa Serpa.

conhecimentos e experiências, propiciando uma visão mais ampla dos acontecimentos, favorecendo situações que estabeleçam a percepção e a criatividade influenciadas pela cultura, vivência social, familiar e trabalho. A educação leva a caminhos que favorecem o sujeito/educando para além do crescimento intelectual, pois proporciona maior interatividade no convívio social, estimulando o relacionamento em grupos e evitando, assim, o isolamento tão comum na população idosa.

Para reforçar os benefícios do retorno do idoso à sala de aula, ressalto também que o idoso que se inclui em grupos ganha uma melhor qualidade de vida, mais independência social e afetiva. Por outro lado, percebeu-se através de conversas entre os educandos/as idosos da turma de estágio, que havia certo receio em avançar devido à presença de alunos jovens nas Totalidades seguintes. Isso era percebido através de conversas informais entre a turma, talvez pelo medo da rejeição entre as diferentes faixas etárias. Contudo percebia-se que as afinidades entre os pares e o carinho pelas professoras titulares eram um elo bem fortalecido no grupo. Assim, acredito que um dos motivos dessa permanência esteja relacionado a esses laços afetivos, assim como pela aprendizagem, e não tanto pela certificação.

A EJA é marcada por altos índices de desistência e/ou evasão dos discentes. No entanto, as experiências pedagógicas vivenciadas em turmas de alfabetização dessa modalidade, possibilitaram a identificação de sujeitos que permanecem na escola, sobretudo estudantes idosos. Para eles, era um prazer estar naquele espaço, convivendo com outras pessoas e, principalmente, aprendendo (FUNCK, 2015, p.8).

Aqui compartilho um pouco da minha experiência do retorno à sala de aula. Após muitos anos, já casada e mãe de cinco filhos, decidi voltar a estudar. Tinha abandonado o estudo ainda adolescente, não por vontade própria, mas por respeito ao meu pai, que considerava que “mulheres” deviam ser preparadas para o casamento e, sendo assim, eu não precisava de muito estudo. Mas entendendo que os tempos eram outros, e eu resolvi voltar a estudar. Sempre tive o desejo de me tornar uma professora. O caminho era longo, mas muito desejado. Enfim, eu havia parado no 4º ano primário (anos iniciais do ensino fundamental). Contudo, não desisti, com muita perseverança voltei a estudar. Ser mãe e dona de casa já não era o suficiente.

Percorri vários caminhos e concluí o ensino fundamental. Queria mais, então fiz a matrícula em uma escola na modalidade EJA onde, como tantas outras pessoas,

encontrei muitas dificuldades. Mas a vontade de aprender era maior, então segui em frente. Concluí o ensino médio, o curso normal e me formei professora. Hoje sou graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), uma das Universidades mais conceituadas do Brasil.

A intenção desse relato é demonstrar que, quando se tem um sonho, não temos o que temer. Não importa quanto tempo vamos demorar, quantas pessoas vão nos dizer “é tarde para voltar a estudar”, então é preciso persistir. A educação nos permite crescer e dar sentido à vida, como disse Paulo Freire, “ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que nos tornamos parte” (2001, p. 43). A mudança está dentro de cada um/a, dentro das nossas especificidades, a diferença depende de como nós nos vemos e de como olhamos o mundo. Certamente os idosos voltam às salas de aula porque objetivam aprender mais. Eu, como muitas outras pessoas, retomei os estudos após longo período me dedicando a família, até os filhos estarem criados. Essa vontade de seguir em frente sempre me encheu de coragem e persistência, vontade que também observei nos educandos idosos que convivi durante o estágio.

A partir dessas peculiaridades, fiquei instigada a pesquisar sobre **quais são os fatores que contribuem para a permanência desses educandos, de idade avançada, na escola**. Para desenvolver esse trabalho, realizei uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com duas alunas idosas da modalidade de EJA. Meu objetivo então foi, a partir das entrevistas, buscar compreender melhor os fatores que contribuem para a permanência do idoso na escola e observar aspectos que possam ter influenciado e mesmo definido a não escolarização anterior na vida desses sujeitos.

Busquei leituras de teóricos que abordam a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Destaco em Freire (1981) a perspectiva de “ser mais”; em Arroyo (2001) o papel da EJA junto às classes populares, em especial, por ser esse um lugar de reconhecimento dos sujeitos; e em Dayrell (1999), o reconhecimento e respeito às diferenças e às especificidades dos/as estudantes.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA LEGAL.

Conforme o Documento-Base Nacional (marcador 3), preparatório para a VI CONFINTEA.

Tratar a EJA como direito significa reafirmar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, para a qual a educação constitui direito fundamental da pessoa, do cidadão; mais do que isto significa criar, oferecer condições para que esses direitos sejam, de fato, exercidos. Desde o final da primeira metade do século XX, os sistemas nacionais de educação vêm decidindo seus rumos e filosofia a partir da prioridade política assumida por todos os Estados-Nação que assinaram a referida Declaração. Entre nós, brasileiros, só em 1988, o direito à educação para todos voltou à Constituição Federal, devendo-se abandonar, portanto, qualquer lógica de oferta de atendimento como “oportunidade” e “chance” outorgadas à população. Como direito, a EJA é inquestionável e por isso tem que estar disponível para todos, como preceituado pela Constituição Federal de 1988. (AGLIARDI, 2013, p. 26)

Esse direito foi reafirmado e explicitado suas normativas gerais pela LDBEN de 1996 (Lei 9394/96), a qual reconhece a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de educação básica. Complementa a legislação nacional, o Parecer do CNE/CEB 11/2000 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e adultos, indicando a necessidade de criação de um currículo próprio que busque atender as características dessa população. Neste sentido, deve haver uma busca teórico-metodológica nas propostas pedagógicas para a EJA, compatíveis com essa modalidade de ensino.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares. Recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da Educação Básica na idade própria. A EJA é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional com finalidades e funções específicas (SOBOTYK, 2010,p.11).

O Parecer CNE/CEB Nº 11/2000, apresenta três funções para a modalidade EJA, sendo elas: função reparadora, função equalizadora e função permanente ou qualificadora. Detenho-me na função qualificadora, que representa o próprio sentido da educação de jovens e adultos e que se vincula, mais fortemente, ao tema desse trabalho:

Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade. (PARECER CNE/CEB Nº 11/2000, p. 11).

Assim, a educação deve ter um caráter permanente, pois sempre há algo a apreender, sempre haverá conhecimentos que contribuirão para a constituição do ser humano, já que incompleto. Com base em Freire (1981), compreende-se que a incompletude se trata de uma vocação do “ser mais”, característico dos seres humanos, e não de qualquer falta ou incapacidade apresentada. Portanto, a incompletude se trata de uma questão existencial.

Pensar na EJA também significa pensar e trabalhar a diversidade. A diversidade se concebe a partir das diferenças que se apresentam nos sujeitos/educandos, sejam eles homens ou mulheres, jovens ou idosos. É a partir das diferenças que os sujeitos se identificam e buscam trazer para as salas de aula as experiências adquiridas, e é nessa troca de saberes que se criam os laços afetivos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é, em primeiro lugar, a reparação de uma dívida social e um compromisso com aqueles que não tiveram acesso aos bens sociais na escola ou fora dela, bem como o domínio da escrita e leitura. Ser privado desse direito é de fato um prejuízo quase que irreparável para uma convivência social. Conforme o Parecer CNE/CEB 11/2000, “[...] a ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou “vacionado” apenas para tarefas e funções “desqualificadas” nos seguimentos de mercado” (p. 5).

Como salienta Magda Soares (1998):

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva,...., se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. (p.24)

Ou seja, mesmo sem o domínio da leitura e escrita, o sujeito adulto tem vários conhecimentos sobre a língua escrita, extraídos de sua experiência de viver em uma sociedade letrada. Além disso, pode trazer uma riqueza de conhecimentos em outros campos, oriundos da oralidade, da experiência de trabalho, da inserção religiosa, dos diferentes saberes populares vividos pelas tradições culturais.

Deste modo, o sujeito idoso, além de ter algo a aprender, também tem algo a ensinar. O reconhecimento e valorização dos saberes trazido da experiência de vida é um elemento que certamente contribui para a permanência dele em sala de aula, sendo esta também uma orientação do Parecer CNE/CBE 11/2000 para a constituição da modalidade da EJA.

2.1 O DIREITO A EDUCAÇÃO A PARTIR DO ESTATUTO DO IDOSO

O Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 1º de outubro de 2003. Essa define medidas de proteção às pessoas com idade igual ou superior aos 60 (sessenta) anos. O texto regulamenta os direitos dos idosos, determina obrigações das entidades assistenciais e estabelece penalidades para uma série de situações de desrespeito aos idosos. Temos o idoso como sujeito de direitos, uma vez que, no Estatuto do Idoso, em seu capítulo V, regulamenta:

Art.20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art.21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didáticos aos programas educacionais a ele destinados.

Art.22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. (LEI Nº 10.741, OUTUBRO DE 2003).

Observando esses direitos estabelecidos, podemos analisar o quanto a população idosa deveria estar amparada em relação ao direito à educação. Muitos idosos ainda desconhecem seus direitos e, para que isso mude, considero necessário que a instituição

de ensino e o professor/professora façam uma abordagem permanente do tema, a fim de esclarecer os educandos/as dos direitos constituídos e assegurados conforme o Estatuto do Idoso. Isso, a meu ver, colaboraria para que o aluno/a permanecesse em sala de aula com uma postura mais fortalecida, pois saberia que o acesso à educação é resultado da luta pela igualdade social e um dos direitos adquiridos. Além disso, a escola, ao abordar temas do envelhecimento e trabalhar com metodologias adequadas aos idosos, tornaria a escola mais interessante para eles.

2.2 OS SUJEITOS DA EJA

Buscando identificar melhor quem são esses sujeitos da EJA, vemos que, quase sempre, seu público é formado por pessoas das classes populares que, por diversos motivos, foram impedidos ou abdicaram, especialmente em favor do trabalho, à educação na “idade própria”. Uma das justificativas históricas para compreender esse fato é, que a educação universal sempre foi privilégio das classes dominantes, enquanto as classes dominadas exerciam profissões que exigiam apenas certo grau conhecimento. Para essa população, o fato de não terem tido acesso à escola representa uma enorme perda.

Nesta ordem de raciocínio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e da leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força do trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso e, de fato, à perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea. (PARECER CNE/CEB 11/ 2000, p. 5).

Por serem sujeitos que trazem conhecimentos baseadas nas suas vivências, essa modalidade de ensino deve reconhecer a diversidade que os constituem. Esse reconhecimento da diferença precisa ser tomado como ponto de partida para a equalização social, portanto o sistema de ensino não deve tratá-los com iguais. Nesse contexto cabe, com Dayrell (1999), destacar a importância de respeitar o estudante em suas especificidades:

Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos,

emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. (DAYRELL, p.140).

Os sujeitos que se dispõem a estudar e conseguem ingressar na escola, mesmo quando idosos, alimentam sonhos e desejos de realizações. A ida à escola provavelmente já seja a realização de um sonho para muitos deles.

Ressaltando a importância de sonhar e realizar. Paulo Freire destaca que:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se [...]. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança [...]. A compreensão da história como possibilidade e não determinismo [...] seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso nega. (FREIRE, 1992, p.91-2).

3. CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA.

As pessoas encaram a velhice de diversas formas, procurando aproveitar as oportunidades daquilo que podem e desejam realizar, muitas vezes com entusiasmo, praticando exercícios físicos ou descansando, estudando, participando de eventos culturais com seus grupos de amigos ou ficando em casa, entre muitas outras possibilidades. Posso afirmar isto porque, durante o meu estágio na EJA, presenciei estudantes mais velhos/as da sala que venciam as limitações da idade, aproveitando o tempo para, além de aprender em aula, realizar trabalhos artesanais e participar de eventos culturais e sociais oferecidos pela escola.

Visto isso, penso que todo esse processo depende do sistema físico-biológico de cada um/a e do contexto social em que vivem dadas a importância do reconhecimento das suas ações e atitudes, do sentir-se amado e respeitado em sua dignidade humana, das relações e carinho de seus familiares. O amor, em determinado contexto, também faz com que a pessoa passe a acreditar-se mais, vai se valorizando a cada dia. Isso fortalece a autoestima do sujeito, alimentando e ampliando seus horizontes dentro e fora da escola. Cabe a escola o papel de desenvolver trabalhos que os façam valorizar a si próprios e os momentos vividos, pois esses idosos/as têm muito a nos ensinar.

Neste momento cabe reconhecer que todo o sujeito/a que retorna à sala de aula pode não saber ler e escrever, mas traz consigo grandes vivências de mundo, de sua caminhada. Segundo Miguel Arroyo

Ao vivenciarem situações na EJA, jovens e adultos das camadas populares passam a se sentir reconhecidos em sua dignidade humana, por meio de relações marcadas pela escuta e pelo respeito efetivo, e pouco a pouco o “acreditar-se menos” vai sendo desentalado, questionado proporcionando o “resgate da humanidade roubada” (ARROYO, 2001, p. 118-123).

Partindo de Arroyo, volto a refletir sobre as minhas experiências pedagógicas realizadas no estágio de docência na EJA, quando percebi que cada sujeito/educando é passível de um tipo de aprendizagem, e que toda a aprendizagem deve ser construída atendendo a necessidade de cada um/a, tendo o cuidado para que o educando/a não se sinta tolhido ou constrangido frente ao grupo. Em razão disso, cabe ao educador/a ver nessa pessoa um sujeito capaz de aprender e produzir conhecimentos, e não só os

reproduzir. Como afirmou Paulo Freire, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (2003, p.47).

3.1 ALUNOS IDOSOS NA EJA

Antes do 7º semestre da faculdade, eu jamais imaginei escolher a EJA como opção de estágio, pois tinha tido pouco contato com essa modalidade. Mas foi exatamente esse estranhamento que me fez aceitar o desafio. Necessitava ter contato com esses educandos/as, descobrir o porquê desse esforço em estudar numa idade mais avançada, compreender o porquê do retorno à sala de aula após décadas fora dela, saber que significados dão para o estudar, sabendo que cada sujeito educando/a é uma pessoa diferente e que possuem sonhos e realidades diferentes.

Quando falo do esforço de cada educando/a, refiro-me as dificuldades enfrentadas por muitos desses para se deslocar até a escola. Cito, como exemplo, uma senhora com idade de 54 anos³ e deficiente visual que vinha diariamente de um município distante de Porto Alegre, apoiada pelo marido também deficiente visual. Assim como outros educandos que mesmo morando em bairros mais próximos, tinham dificuldades de locomoção pelo fato de ter a idade avançada⁴. Mesmo assim, percebia-se que quase sempre eram esses/as estudantes os mais participativos, dentro e fora da sala de aula.

No entanto, não basta que aceitemos esses alunos, é necessário acolhe-los e auxiliá-los, ajudando-os a resgatar as esperanças quando, momentaneamente, perdidas. E, principalmente, é preciso saber o porquê de estarem na escola hoje.

Vale lembrar que a educação ou o aprender para o idoso tem outro sentido e objetivo. Procura-se a escola não mais para obtenção de diploma e sim para estabelecer canais de comunicação com a sociedade. A educação é um caminho de reintegração social, dado que a perda de funções deixa o idoso com um mínimo de alternativa de atuação social. É importante ressaltar também que a volta à escola é baseada pelo interesse na qualidade formativa da educação. (PONTAROLO, OLIVEIRA, 2008, p. 121)

³ A estudante perdeu a visão aos 16 anos e parou de estudar durante alguns. Retornou mais tarde com o apoio do marido, também deficiente visual.

⁴ Estudante com 94 anos. Além de frequentar a sala de aula, participava de oficinas e diversas atividades promovidas pela escola.

De acordo com Pontarolo e Oliveira (2008, p. 121), a UNESCO realizou um estudo na década de 80 que foi sintetizado por Schons (2000). Este diz que a educação da pessoa idosa deve:

1. Considerar menos o conteúdo e mais o despertar nela a capacidade de confiança em si mesma, de sua autonomia e o de destruir os estereótipos negativos que poderão estar influenciando na sua vida. Aumentando o senso de suas responsabilidades, a pessoa idosa poderá melhorar sua saúde física e mental, o que contribuirá para que ela se afirme cada vez mais no dia a dia e no seu comportamento social;
2. Minimizar o isolamento, a solidão em que vivem muitos idosos, estimulando as relações com pessoas de sua geração e, também, com as de outras gerações;
3. Proporcionar conhecimentos práticos, específicos sobre, por exemplo, a passagem da vida ativa para a de aposentado, além de conhecimentos teóricos relativos ao processo de envelhecimento; ainda, atividades físicas, socioculturais e artísticas que possam interessar aos idosos;
4. Proporcionar a tomada de consciência das pessoas idosas da riqueza da sua vida pessoal e profissional e da importância da comunicação de sua experiência a outras gerações, desenvolvendo o equilíbrio e a compreensão mútua num mundo tão conflitado e que muda rapidamente. (SCHONS, 2000, p. 162, in: PONTAROLO, OLIVEIRA, 2008, p. 121).

Cabe, portanto, à escola acolhê-los com carinho, estabelecendo momentos de diálogos, temas e metodologias compatíveis e compreensíveis à realidade, interesse e perfil dos/as estudantes idosos. Com essa aproximação cria-se um elo de amizade fortalecido onde possivelmente todos/as (professor/a educando/a) poderão trabalhar e aprender melhor.

4. UM CAMINHO PARA CONHECER MAIS SOBRE A PERMANENCIA DO IDOSO NA ESCOLA.

Com o interesse de conhecer melhor **os fatores que contribuem para a permanência desses educandos, de idade mais avançada, na escola**, realizei um trabalho no campo da EJA, desenvolvendo uma pesquisa qualitativa.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), o uso de métodos qualitativos objetiva explicarem o porquê das coisas, pois seu objeto de estudo e seus resultados não podem ser quantificados, nem serem submetidos à prova de fato, buscando explicações sobre a dinâmica das relações sociais.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações [...]. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31).

Nessa perspectiva, a investigação ocorreu com duas senhoras, estudantes da EJA, que possuem histórias diferentes, mas com alguns aspectos comuns em suas trajetórias, assim como valores e crenças. Fiz uso da entrevista semiestruturada com as estudantes dessa modalidade, pois esse é um instrumento de pesquisa mais espontâneo, já que, apesar de ser pré-definida, também é aberta e flexível, permitindo mudanças no decorrer da entrevista caso surjam relatos antes não explorados.

Segundo Bogdan e Biklen (1999), na pesquisa qualitativa, “Uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais [...], dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra.” (p. 147). A entrevista tem um caráter próprio, permitindo ao entrevistador criar suas próprias perguntas. A entrevista qualitativa tem como objetivo “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p.147).

A primeira entrevista foi com uma mulher a qual nomeei de Ana⁵, com 57 anos de idade e vinda do interior, que por ter traços de mulher envelhecida me causou a

⁵ Para que a identidade da estudante entrevistada seja preservada, me refiro a esta estudante como Ana, sendo este, portanto, um nome fictício.

impressão de ser uma pessoa mais idosa. Soube depois do convite que ela tinha menos idade. Mesmo assim, decidi manter a entrevista por entender que, mesmo não estando na categoria legal de idosa, é uma mulher adulta que está prestes a ingressar nesta fase. A outra entrevistada é a estudante nomeada de Maria⁶, com 63 anos de idade, vinda também do interior ainda muito jovem, com apenas nove anos de idade.

As entrevistas foram realizadas em Gravataí (Região da Grande Porto Alegre), cidade em que resido, por ser mais fácil para eu obter contato. As duas senhoras são estudantes dos anos iniciais de uma escola municipal que oferta EJA no turno da noite. As entrevistas foram gravadas e transcritas com a autorização das mulheres. Após, a partir de uma leitura minuciosa, foram recortados os excertos mais significativos para a análise, que focou em compreender os fatores que contribuíam com a permanência destas, na escola.

A seguir, apresentarei as duas senhoras, sujeitos dessa pesquisa, e os dados construídos a partir das entrevistas semiestruturadas. Este serão analisados no decorrer do texto e no capítulo das Considerações Finais.

4. 1 ANA, 57 ANOS

Ana nasceu no interior de Soledade. Lá ela estudou por alguns anos, diz ter feito até a terceiro ano, mas acabou desistindo:

O colégio era longe e eu tinha que caminhar não sei quantos quilômetros. Quando eu tinha treze anos, viemos de mudança para a Cidade de Soledade, meu pai me matriculou em uma escola, mas eu queria trabalhar para ajudar a família e comprar minhas coisas. Abandonei o colégio no 3º ano, já sabia ler e escrever – Foi a pior coisa que eu fiz foi abandonar o colégio. As minhas colegas que estudaram comigo são tudo formada, tem uma que é psicóloga da prefeitura, minhas colega trabalham em banco, trabalham em escritório. E o pai e minha mãe sempre me deram força pra eu estudar.

⁶ Para que a identidade da estudante entrevistada seja preservada, me refiro a esta estudante como Maria, sendo este, portanto, um nome fictício.

Eles queriam que eu fosse ser uma professora. E eu boba do interior comecei a pegar aquele dinheirinho me entusiasmei, a gente não pensa né.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017

Ela se arrepende de ter parado de estudar e afirma que seus pais desejavam que ela estudasse e se tornasse uma professora. Apesar de ter uma condição social que, aparentemente, lhe permitisse estudar, optou por trabalhar, “para ajudar a família e comprar coisas”, afirmando, de certo modo, que a família não dispunha de muitos recursos. Neste sentido, vemos desde já, que o público da EJA se caracteriza fortemente por ser pertencente às classes populares.

Ela retornou aos estudos em torno dos 18 anos por indicação de uma amiga que a convidou.

Uma amiga que também trabalhava em casa de família e estudava no Colégio Visconde. Foi essa amiga que me falou – Ana vai estudar! Ela foi comigo nesse colégio e arrumou uma vaga para mim.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017

O incentivo dessa amiga levou Ana a refletir sobre a sua situação de não escolarização.

Ana decidiu voltar a estudar, apesar de que para isso ela teria que se submeter a uma “provinha de matemática”. Mesmo com receio de não conseguir ser aprovada, Ana venceu o medo e conseguiu voltar a estudar. Insegura, pediu a professora para permanecer na 1º ano Mas a professora, por considerar que a aluna atrapalhava, convidou Ana para ficar em outra turma mais avançada.

Dai me passou para a 2º e 3º juntas. Quando eu precisava das coisas eu vinha e pedia pra professora Neide (1ª série), daí ela me ensinava. Daí consegui ficar na terceira. Quando passei pra 4º série, conheci o meu marido, o pai do Diego. Ele morava aqui em Gravataí e enquanto eu não vim morar com ele, ele não sossegou.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017

Observa-se que o apoio da Profa. Neide, do 1º ano, foi muito importante para a permanência de Ana na escola, pois ela se sentia insegura por estar em turma mais avançada.

Ana tinha vinte anos quando conheceu seu marido que morava em Gravataí. Foi quando abandonou os estudos, mais uma vez.

Eu tinha vinte anos. Abandonei o colégio. Mas no Visconde era tão bom. Mas me arrependo porque era muito bom estudar lá. A gente fazia passeios, ia na feira do livro, no teatro. Era muito bom!

Entrevista em dia 24 de maio de 2017

Ana abandonou os estudos por mudar de cidade. Logo ficou grávida e isso, juntamente com a ideia de cuidar da casa e do marido, impediu-a de buscar dar continuidade aos estudos.

Ana relata a saudade de estudar naquele colégio. E a diferença da atual escola.

Aqui no colégio que eu estudo a gente sai pouco. No Visconde (escola anterior) uma vez fomos pro SESC, outra vez fomos para Porto Alegre ver os Museus e a feira do

livro. A gente ia nos passeios, depois a professora perguntava o que a gente viu, o que achou. Nesse colégio a gente quase não passeia.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017

Aqui Ana fala das atividades que ela sente falta, do que tornava a escola atraente e interessante. Explicitamente, a escola anterior permitia o acesso aos bens culturais da nossa sociedade. Conhecer novos lugares, conhecer museus, entre outras atividades, era um modo de se sentir pertencente, de compreender as diferentes criações humanas, como a arte. A ida a feira do livro também nos remete a possibilidade de participar de eventos sociais e culturais que movimentam a cidade. Ana, deste modo, mostra-se crítica em relação a atual escola, que não valoriza ou não proporciona atividades desta natureza.

Agora eu retornei porque é bom, é melhor pra ti e nunca é tarde para aprender. E ali é bom que tu convive com outras pessoas, arruma amizade. Agora não tô indo à aula, mas hoje eu tava com vontade de ir, tô sentindo falta da turma, parei de ir porque quase fui assaltada, mas hoje eu tava com vontade de ir. Não vou pela professora, mas pelas minhas amizades.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

A escola também é um lugar social, de fazer amizades, de garantir um lugar pra si na convivência com pessoas diferentes. Infelizmente a professora não parece ser um motivo positivo para a permanência de Ana na escola. Ela não gosta da atual professora, mas é nas amizades conquistadas que ela encontra acolhida e são quem alimentam seu desejo de estar ali.

Diferentemente da atual professora, Ana teve uma ótima experiência com um professor anterior, o professor Pedro, com quem ainda convive na escola e a ajuda a permanecer.

O professor Pedro me adora! Ele me incentiva, ele diz – guria vê se agora não para. Hoje essa juventude tem tudo e não querem estudar, tem até janta no colégio, tem todo tempo pra estudar. Mas nunca é tarde par estudar. Importante é voltar.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Apesar de se sentir um pouco desmotivada em relação a atual professora, Ana considera que o estudo é muito importante, e que sempre vale a pena voltar a estudar.

Agora eu to no 5º ano agora foi eu que quis voltar a estudar, e as minhas amigas da ginástica me incentivaram, e é bom a gente ocupar a mente, por causa dessas doenças, (alzheimer) e é bom exercitar a mente, é bom esse compromisso, de ter alguma coisa (tema) para fazer em casa, as colegas são legal. Nem que a professora seja assim, mas as colegas são legais. Pode ser que ela saia. Tomara que ela saia. Tenho colegas que eu arrumei pra elas estudar. Hoje tem umas que já concluíram.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Mesmo que Ana não goste da professora, porque ela não responde suas perguntas, percebe-se que Ana valoriza o compromisso com a escola quando argumenta que é bom ter uma atividade para fazer em casa. E que o estudo, para ela, auxilia no exercício da mente, trazendo benefícios à saúde.

Pretendo concluir o 1º grau e depois quem sabe o 2º grau. Eu tenho trauma desde pequena, porque eu sempre fui lenta, mais demorada para pegar a explicação. Ai uma

vez eu perguntei pra professora e ela era bem louca, ninguém gostava dela, não respondia. E me fincou a régua na cabeça e me chamou de burra. Daí eu me criei com trauma na cabeça, pensando “eu não vou aprender”. Fiquei insegura, eu tinha medo de escrever, escrevia com falta de letras, ficava retraída. Escreve aí na tua entrevista que a professora me chamou de burra. Dai fiquei com medo de escrever.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

A estudante relata ter um trauma de infância, segundo ela isso a marcou muito: por ser lenta em relação à turma e ter dificuldades em assimilar as explicações, a professora se descontrolou e agrediu Ana com uma régua na cabeça e ainda a chamou de “burra” perante a turma. Percebe-se que mesmo com o passar do tempo, Ana não consegue esquecer o incidente que a deixou, por anos, insegura.

Esse episódio aconteceu na sua infância, e só foi parcialmente superado depois de seus vinte anos de idade, quando relatou o fato à psicóloga de seu filho.

Ai comecei a levar o Diego (filho) na creche, ai pediram para levar na psicóloga, na Dra. Ruti. Eu aproveitei e falei com ela (a psicóloga) – Eu queria que a senhora me explicasse, eu escrevo com falta de letra, fico insegura, tenho medo de escrever nos lugares que tenho que escrever alguma coisa, fico achando que vão ficar rindo de mim. Porque a professora dizia que eu era burra e me fincou a régua na cabeça.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Depois de ouvi-la, a psicóloga afirmou que Ana era inteligente, o que lhe devolveu, em parte, a confiança na sua capacidade de aprender. Este fato demonstra o cuidado que nós professores devemos ter com as nossas atitudes em sala de aula frente

aos educandos, pois a evasão da Ana da escola na infância também está vinculada a essa descrença em si e nas marcas do maltrato deixado pela professora.

A psicóloga falou que eu não sou burra, que não tenho nada de burra. Ela disse: “Tu tens que ler bastante para corrigir isso, só lendo”. Ai eu escrevi, ela leu e falou: “báh, mas que letra mais bonita tu tem!”. A psicóloga falou: “muito linda a tua letra”. Ela disse: “tu não tem problema nenhum, teu problema é falta de leitura. Tem que ler bastante. Pra ti dar mais entusiasmo compra livros de romance, e lê, lê bastante”.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Ana, assim, tem a sua autoestima elevada. Isso demonstra que o sujeito em qualquer etapa da vida necessita de se fortalecer e ganhar autoconfiança para reagir perante as dificuldades.

Gosto muito de romance e poema, principalmente as do Drummond de Andrade.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Ana se mostra interessada em avançar quando o assunto é leitura e faz questão de falar das suas preferências literárias, citando, como exemplo, Carlos Drummond de Andrade.

Abaixo, Ana faz referência a sua amiga Tereza, com quem convive mais. Salienta que está sempre tentando induzir a amiga a estudar, pois, segundo ela, a Tereza não sabe nem assinar o próprio nome.

É coisa mais triste a gente não saber ler. Eu vivo falando para minha amiga Tereza, “Vamos estudar! Tu aprendes, Tereza! ”. É muito triste, quando a gente sai juntas e tem que assinar alguma coisa, eu que assino para ela. Sem saber lê é muito triste.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Percebe-se que Ana valoriza as oportunidades, pois assim como ela foi levada a voltar a estudar por uma amiga, faz o mesmo com sua amiga Tereza.

E agora esse computador. Essa coisa a gente tem que se informar. Tu vais num banco tu tem que assinar, sem saber ler é muito triste. Eu tinha uma letra que eu achava feia, e aí a professora pediu pra comprar um caderno de caligrafia, e isso melhorou muito minha letra. Eu escrevia com letra separada, depois, com o caderno de caligrafia, eu aprendi a escrever com letra junta.

Entrevista em dia 24 de maio de 2017.

Ao final da entrevista, Ana faz questão de frisar que o avanço da modernidade a empurra para a atualização. Relata que atualmente ela necessita aprender mais para acompanhar a evolução, como usar os caixas eletrônicos no banco, assinar documentos. Observa-se que esses sujeitos, apesar da idade avançada, se esforçam para acompanhar os avanços da tecnologia. Buscam, assim, estarem inseridos na sociedade e serem independentes.

4.2 MARIA, 63 ANOS

A estudante Maria estuda no turno da noite, na mesma escola municipal de Gravataí que Ana. Para chegar até a escola ela se desloca de ônibus, mas não vê dificuldades, pois gosta muito de estudar. Maria é natural de Sombrio, Santa Catarina, ela relata que:

Me criei aqui no Sul, faz 55 anos que estou aqui. Eu vim muita criança pro Sul, trazida por outros pra trabalhar de doméstica, aonde eu cresci e me criei dentro de uma gaiola, um apartamento. Gaiola na minha mente, e eu nunca pude estudar. Mas eu aprendi a lê e a escreve, muito pouco, assim pintando desenho, ajudando as crianças que eu criei, o João Luiz e a Janaina (crianças que ela cuidava no trabalho). E aí os anos foram passando, eu me casei, faz 40 anos que eu tô casada, e depois que eu casei eu vim embora pra Gravataí, mas eu sempre morei em Porto Alegre.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Maria é uma idosa com muita disposição, sem constrangimento foi relatando sua vida. A história de vida dela é muito semelhante à de muitas mulheres idosas que tive contato ao longo do meu estágio no sétimo semestre, especialmente no fato de ter ido morar quando criança em casa de família para trabalhar.

Maria relata que mesmo antes de completar nove anos de idade, foi trazida da cidade de Sombrio Santa Catarina, para Porto Alegre por uma família para cuidar de duas crianças, em troca dariam o estudo. Maria relatou que a oportunidade de estudar nunca aconteceu, porque trabalhava muito e faltava tempo para frequentar a escola. E com o passar do tempo, ela foi crescendo e começou a trabalhar como doméstica para outras famílias, onde permaneceu até casar.

Eu frequentei só a primeira série lá [...], mas minha mãe ganhou nenê eu já não fui mais pro colégio.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Nos tempos outrora, era uma prática comum às famílias entregarem suas filhas a outras famílias, para criarem em troca de serviços, principalmente para cuidar de outras crianças. Maria não foi uma exceção. Só que com o passar do tempo, Maria viu a necessidade de voltar a estudar, para fazer parte do meio em que convive. Maria tem um filho adolescente e quer participar e entender o modo que ele se comunica, Segundo ela, não entende certas palavras e, assim, acaba por ficar mais distante dos jovens.

E eu tomei essa decisão de começar a estudar pra reabri a minha mente, e nesse meio tempo eu me tornei evangélica por causa que tem o R Soares na televisão. Eu assistia e via ali todas as letras, aí eu aprendi ali na bíblia, mas eu já lia um pouquinho, no tempo que as crianças me ensinavam, o João Luiz e a Janaina, filhos dos patrão.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

A religião também contribuiu para o retorno de Maria em sala de aula. Ela tornou-se evangélica e sentia necessidade de acompanhar as escrituras da Bíblia. Hoje ela afirma que consegue ler algumas palavras na televisão quando o Pastor da sua igreja faz sua pregação. Assim como Maria, acredito que muitos outros idosos/as procuram se alfabetizar, por vários motivos, dentre eles a religião como um ponto importante.

Eu nunca perdi a vontade de te um estudo, de empina o nariz pra cima assim, eu sei lê isso, eu sei interpretar aquilo, e eu to fazendo isso agora. Como todo mundo diz, nunca

é tarde, nunca é tarde, então, pra mim, né eu quero aprender a mexer nessas coisinhas assim (celular) já ganhei um desse, um que dá toque, mas eu, mas eu dou uma paulada nele com o dedo quando mexo, não deu certo ainda.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Maria na sua infância fez apenas o primeiro ano, e abandonou a escola assim que seu irmão nasceu. Em seguida foi dada para a família a criar e mudou de cidade. Empenhada em trabalhar, não se preocupava em estudar. O pouco que sabia havia aprendido com as crianças que cuidava. Hoje ela frequenta uma turma da EJA, onde relata que nunca perdeu a vontade de estudar, Agora ela pode dizer que hoje consegue ler e interpretar, o que antes era impossível. Maria deixa bem claro que nunca é tarde e que pretende aprender muito mais com o estudo, para acompanhar a tecnologia, como a de um celular que acabou de ganhar e não consegue manusear.

To, to conseguindo, eu fiz tudo, as continhas principalmente, que eu tinha mais pavor era da matemática, e agora parece que ficou tão fácil [...], um guri que tava comigo escreveu (a tabuada) pra mim no fundo do meu caderno né, pra mim consegui reabri a minha mente, que a minha mente começo a se fechar, se fechar.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Pergunto se ela está conseguindo avançar conforme esperava? Ela se diz satisfeita, e que principalmente em matemática, matéria que tinha muita dificuldade. Ressalta que um colega jovem escreveu a tabuada na última página de seu caderno e assim ficou mais fácil de aprender. Maria usa essa expressão “reabrir a mente”, que significa que para ela a sua mente ficou fechada no tempo que ficou sem estudar.

Não, não, eu por mim mesmo, não sou muito de tá perguntando ou indagando, eu sou muito metida de faze, de manda, por isso eu consegui criar os filhos.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

A estudante Maria diz que nunca foi induzida por ninguém para voltar a estudar, ao contrário da outra estudante entrevistada, que precisou ser levada a estudar por uma amiga. O que se percebe, é que o idoso retorna a sala de aula por sentir necessidade de ampliar seus conhecimentos e fazer parte de uma sociedade mais avançada tecnologicamente, do mesmo modo que há necessidade de sentir parte de grupos, de ter pertencimento social. Essa situação acaba por criar laços afetivos e que os fazem permanecerem na EJA. Esses estudantes reconhecem a escola como um lugar que oferece um espaço de aprendizagens e convívio social, agregando experiências e valores aos já constituídos. Vê-se que o perfil do aluno da EJA é bem definido, e sabemos que esse aluno é bem diferente de alunos de outras modalidades. Assim, cabe ao professor/a contribuir com novas aprendizagens, levando em conta a bagagem desse aluno, selecionando os conteúdos de interesse dos educandos/as e com metodologias que respeitem as suas peculiaridades.

a minha opinião que eu tenho quase que absoluta certeza, porque converso com as colegas. É por causa desse novo linguajar que o mundo tá oferecendo, né, eu não tava mais conseguindo conversar com esses jovens. Que em dezembro, janeiro, fevereiro eu trabalho, eu tenho minhas casinhas de aluguel lá na praia e eu trabalho na casa de família. E os jovens tudo é aquelas conversas cinera, nera, (gírias) e umas palavras assim “brasa”. Então eu queria assim praabri a minha mente, não por conta dos filhos de barriga, que aqueles já levantaram asa, já tem cada um seu filho, sua filha, mas é esse que tá com 18 anos. Então eu achei que eu voltando a estudar eu vou conseguir melhor acompanhar ele, e não tenho pretensão, grandes pretensão, eu quero só poder acompanhar, só não ser jogada num canto como um objeto, sabe é pra me virá.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Observa-se que um dos fatores que contribui para que esta idosa permaneça na EJA é a possibilidade de atualização da aprendizagem e do vocabulário. No caso de Maria, para dialogar com pessoas mais jovens, inclusive o seu filho de dezoito anos com quem, apesar do contato, não se sente capaz de entender sua linguagem.

Apesar da vontade de estudar, as necessidades da vida sempre tomam um lugar de maior prioridade. No caso de Maria, ela afirma que não gostaria de parar de estudar.

Só se acontecesse alguma coisa com filho, neto ou nora [...]. Por isso eu pararia um pouco de estudar, não é desistir, mas eu interromperia o estudo pra ir atender. Porque meus filhos, meus netos e minhas noras são a minha vida, e meu esposo, meu marido, Um gato!

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Mas reforça que não desistiria, apenas “daria um tempo”, pois tudo que pretende é seguir em frente com os estudos. Como relata no decorrer da entrevista.

Tem muita desistência, mas eu não sei porque, quando começou era cheia a sala, e muitas já desistiram, até umas da minha idade. Uma bem mais velha, dona Neli, essa sim tem um grande motivo, a tia que é sozinha ta com câncer, final de câncer, ela ta então cuidando a tia. Ela só vem a cada quinze dia. Houve semana dela vim uma semana só pra se integrar e não ser cancelada (a matrícula), e aquela eu vejo que ela tem boa vontade, é só por isso.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Acredito que esse e outros motivos de afastamento da escola são comuns para a grande maioria dos idosos/as. O compromisso com familiares, que muitas vezes já os impediram de estudar anteriormente, permanece também hoje, fazendo parte do cotidiano de cada um. Importante salientar que a colega de Maria fez um esforço enorme de ir à aula para “não ser cancelada”, ou seja, não perder a matrícula. Neste sentido, as escolas devem se preparar para atender as necessidades e especificidades do público da EJA, em especial o idoso/a. No caso, seria importante ter alguma combinação que permitisse ser mais flexível em relação aos afastamentos e retornos dos educandos.

A escola é ótima, [...] aqui, essa aqui tá em primeiro lugar de qualidade, qualidade mesmo, qualidade de vida, aí eu conto para as pessoas, mas do jeito que tu é nojenta, tu diz que a comida dos outros é boa! É uma novidade pra mim. “Tu mudou muito”, as pessoas brincam comigo. A janta aqui é muito boa, as panelas brilham tanto que tu tem gosto em comer.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

A principal contribuição para que o aluno da EJA permaneça em sala de aula é o direito constituído, e que deve ser assegurado conforme a Lei nº 10.741 que institui o Estatuto do Idoso. Esse dispõe que

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Para a efetivação deste direito, a Escola precisa fazer a sua parte, oferecendo o acolhimento necessário para que o educando consiga se sentir valorizado e

autoconfiante nas suas ações para manter a permanência. No que diz respeito à escola, para Maria que a frequenta, esta não deixa nada a desejar quanto ao acolhimento, à higiene e alimentação. Maria só tece elogios, afirmando que a escola está em primeiro lugar em qualidade de vida.

O professor Pedro tava ouvindo há pouco tempo uma colega dizendo “professor, o senhor é santo, porque hoje é dia de São Pedro e São Paulo, né? O senhor é santo porque nos aguenta né, a gente é um bando de doidinho”. É assim, tem vários especial, sabe? como eu também me encaixo nos especiais devido aos traumas que tive e tudo. Mas eles riem e dizem que eu sou a mais certa da turma, que nunca viram uma mulher tão certa que nem eu.

Entrevista realizada em 29 de junho de 2017.

Para complementar os elogios que Maria faz a respeito da escola, ela deixa claro que o professor Pedro, é ótimo professor e que toda a turma gosta dele. É muito paciente, pois na turma tem vários alunos especiais. Maria é solidária quando fala que também se encaixa como especial, e cita que teve traumas por ter sofrido um acidente, quando permaneceu sete meses internada em um hospital com traumatismo craniano. Por isso se considera especial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de responder minha questão de pesquisa “Que fatores contribuem para a permanência de sujeitos idosos na EJA?”, muitos motivos se revelaram significativos, especialmente aqueles advindos da escuta dos sujeitos, realizada por meio das entrevistas.

O primeiro, talvez, seja a constatação de que o sujeito adulto da EJA, especialmente os mais idosos, frequentaram muito pouco a escola quando crianças. No tempo histórico de suas infâncias nem todos os sujeitos tinham acesso à escola. Vimos, por exemplo, que Ana morava longe desta instituição, no interior, e após mudar-se para a cidade, precisou trabalhar. No caso de Maria, parou de estudar após o 1º ano para ajudar sua mãe, sendo logo enviada para trabalhar em uma casa de família aos nove anos de idade. Nestes dois casos, vê-se que a escola teve um lugar secundário frente à realidade da vida, da necessidade de trabalho desde cedo. O que vemos é que as duas mulheres pertencem a uma classe social menos favorecida economicamente. Tal como descreveu Arroyo (2005), trata-se de

Vê-los jovens-adultos em suas trajetórias humanas. Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência (ARROYO, 2005, p.24).

Desse modo, no adulto da EJA, especialmente no idoso/a, é comum encontrarmos essas histórias de vida, a de terem sido inseridos no mercado de trabalho, mesmo que informal, desde crianças ou adolescentes, tendo-lhe sido negado o direito à educação.

Sem dúvida que um dos olhares sobre esses jovens e adultos é vê-los como alunos (as), tomarmos consciência de que estão privados dos bens simbólicos que a escolarização deveria garantir. Que milhões estão à margem desse direito. Que o analfabetismo e os baixos índices de escolarização da população jovem e adulta popular são um gravíssimo indicador de estarmos longe da garantia universal do direito à educação para todos. (ARROYO, 2005, p.23).

Mesmo privados da escolarização, é preciso reconhecer que esses são também sujeitos que trazem conhecimentos e saberes, ou seja, reconhecê-los em seu “protagonismo social e cultural”, como propõe Arroyo (2005).

A vontade de estudar faz com que busquem novos conhecimentos, novas amizades e relações sociais, adquiram mais autonomia e pertencimento social. Isso tem uma estreita relação com o reconhecimento destes enquanto sujeitos, “para ser alguém”, ou, nas palavras de Maria “não ser jogada num canto como um objeto”. Como aborda Arroyo (2001), este deve ser um espaço onde os sujeitos podem “se sentir reconhecidos em sua dignidade humana [...] e (onde) o ‘acreditar-se menos’ vai sendo desinstalado, questionado, proporcionando o ‘resgate da humanidade roubada’.” (p. 118-123).

A necessidade de se atualizar, de se apropriar de novas tecnologias, de saber como operar com o banco eletrônico e manusear o celular, são imprescindíveis para a inserção social na atualidade. Estes são alguns dos conhecimentos necessários para produzir um real pertencimento à sociedade da informação. Também, a vontade de ter acesso aos bens culturais e aos conhecimentos formais, se mostra muito significativa para a permanência dessas senhoras na escola. O aprender a escrever, a falar, a compreender, aparece recorrentemente em suas falas. Inclusive Ana demonstra valorizar enormemente os passeios realizados pela escola anterior, como a ida ao teatro, feira do livro e conhecer outros lugares.

Outro aspecto que se mostra relevante nesta pesquisa é a importância do acolhimento e do convívio social para as educandas. Estar na escola é uma forma de ampliar as relações sociais, adquirindo novas amizades, convivendo com os jovens, assim como de se sentir reconhecido e valorizado pelos seus pares e professores/as. As características da escola também se mostram fundamentais. Além do acolhimento do/a professor/a, a merenda e o cuidado com a limpeza são necessidades e valores relevantes para os sujeitos desta pesquisa.

Por fim, a vontade de “ser mais”, como nos indicou Freire (1981) também se sobressai, aparece no desejo de “reabrir a mente”, “de ter um estudo, de empinar o nariz pra cima assim” e poder dizer “eu sei lê isso, eu sei interpretar aquilo”. O “ser mais” é, de acordo com Freire (1981), uma vocação ontológica.

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm (FREIRE, 1981, p. 83-84).

Desta consciência do inacabamento, surge o desejo de “ser mais”, como vimos nos sujeitos da pesquisa. É o processo de humanização do qual tratou Freire em várias obras. Ou seja, não nascemos homens ou mulheres, ou simplesmente seres humanos, mas nos tornamos homens, mulheres... humanos.

Para pensarmos a permanência dos idosos na EJA, é necessário considerarmos todos esses aspectos analisados: do direito a educação, sendo esse um processo permanente que se dá ao longo da vida; a importância do acolhimento e das relações sociais, inclusive das intergeracionais; o acesso aos bens culturais e aos conhecimentos legados pela humanidade, necessários para uma inserção social plena; e a vontade de serem reconhecidos e de “ser mais”, como uma vocação ontológica de todo ser humano.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19- 50.
- AGLIARDI, Delcio Antônio. Legislação e políticas públicas de EJA 1. **Cadernos da EJA - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério da Educação – SECADI/MEC**, 2013.
- BARBOSA, Gisele Rieger Pinto. **A importância da educação permanente no envelhecimento: alunos idosos na educação de jovens e adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso, FAGED/UFRGS, 2016.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Editora do Porto, 1994.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- ESTATUTO DO IDOSO: **lei federal nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm. < acesso em 17 de junho de 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FUNCK, Stephanie. **Permanência de estudantes idosos da EJA: por uma educação ao longo da vida**. Trabalho de Conclusão de Curso, FAGED/UFRGS, 2015.
- GADOTTI, M. **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. LDBEN/1996 - **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.
- PARECER CNE/CEB nº: 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**.

PONTAROLO, Regina Sviech; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Terceira Idade: uma breve discussão. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**. Ponta Grossa, 16 (1) 115-123, jun. 2008.

RICARDO, Jorge José de Jesus. Ser um idoso ou ser um velho. **Poesias Contos Crônicas**. Editora da UDESC: Florianópolis, 1996, p.243-244. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/cronicas/cronicas5.htm> < acesso em 20 de Julho de 2016 >

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte : CEALE/Autêntica, 1998.

SOBOTYK, Luciene Borba . **Os sentidos da escola para os alunos da EJA**. Trabalho de Conclusão de Curso, FAGED/UFRGS, 2010.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes e BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/01.pdf> < acesso em 20 de Julho de 2016 >

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PESQUISA: Trabalho de Conclusão de
Curso de Licenciatura em Pedagogia

TÍTULO: A PERMANÊNCIA DO IDOSO NA EJA: direito à educação ao longo da vida

RESPONSÁVEL: Tânia Knop

ORIENTAÇÃO: Denise Comerlato

Esta é uma pesquisa vinculada ao Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia e tem como finalidade investigar os fatores que contribuem para a permanência dos estudantes idosos na EJA.

Ao participar deste estudo você aceita realizar uma entrevista com a pesquisadora e tem a liberdade de se recusar a participar, assim como para desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo.

No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com a Profa. Denise Comerlato, pelo fone 51-99644-2873.

A entrevista será gravada com o objetivo de manter a integralidade de todas as informações.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais, sendo preservada a identidade dos entrevistados.

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício da educação.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome Participante

Assinatura

Local e data

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A responsável por esta pesquisa é a Estudante Tânia Knop, sob orientação da Profa. Denise Comerlato do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS.